


Revolução




**UMA SÓ
SOLUÇÃO
REVOLUÇÃO
SOCIALISTA**


PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO
BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS

**UMA SÓ
SOLUÇÃO
REVOLUÇÃO
SOCIALISTA**


PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO
BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS

**UMA SÓ
SOLUÇÃO
REVOLUÇÃO
SOCIALISTA**


PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO
BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS

**UMA SÓ
SOLUÇÃO
REVOLUÇÃO
SOCIALISTA**


PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO
BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS

**UMA SÓ
SOLUÇÃO
REVOLUÇÃO
SOCIALISTA**


PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO
BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS

PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO • BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS

Revolução



PORTA-VOZ DO PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO — BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS

PARTICIPAÇÃO DOS LEITORES

Dissimos que estaríamos aqui para dar o desfecho final, se para tal fosse necessário, relativamente à nomeação da comissão administrativa do concelho de Satão. Uma vez que achamos parcial e injusta a nomeação da referida comissão vamos dizer o que sentimos: — se por um lado consideramos uma vitória o afastamento dos Xavieiros — fascistas até à raiz dos cabelos, frente dos destinos de um povo trabalhador extraordinariamente atrasado e explorado, como o do concelho de Satão, por outro lado a vitória inicial não passa de mera fantasia, de pura e simples ilusão. Pois os Xavieiros deixaram de dominar fisicamente, quer dizer, se deixaram de ter lugar no cadeirão da Presidência da Câmara, na realidade o seu domínio avassalador no aspecto socio-económico e as suas pressões ideológicas no aspecto político, vão continuar a dominar pelo menos, aqueles que lhe estão debaixo das garras e outros, que são talvez a maior parte da população explorada do Concelho. Para provar com factos verídicos que os ultra-reaccionários Xavieiristas vão continuar a dominar e que para eles foi uma vitória retumbante o afastamento do Sousa, acrescentamos que após uma tomada de posse da Comissão Administrativa, foi em casa dos Xavieiros que todos os eleitos se concentraram, tendo os anfitriões festejado o "célébre" acontecimento, dando largas à sua alegria (à boa maneira fascista). Poder-se-á chamar a esta atitude dos caciques a tentativa de aliciamento de um ou outro elemento da comissão que porventura ainda não faça o jogo deles.

A menos que haja alguém muito atento a todas as manobras fascistas... será que ainda não é desta vez que os casos obscuros da Câmara são postos a claro, para que toda a gente possa ver?

Falamos do Sousa como adversário dos Xavieiros mas não queremos com isto dizer que é ele um revolucionário capaz de lutar pelo socialismo na defesa directa dos explorados... Temos no entanto a certeza que apesar de alguns defeitos, e de entre um conjunto mau, seria o menos mau capaz de dinamizar, o concelho tirando-o do marasmo em que se encontra, há tantos anos e principalmente pôr a descoberto "poderes" que dado o seu adiantado estado de decomposição já cheiram mal.

A concluir queremos atribuir

culpas ao Governo Civil de Viseu ao deixar-se levar de entre outros pessoas por um desusado cretino que nada mais fez que provocar a desorganização na mal organizada frente progressista do Distrito. Referimo-nos ao pseudo-socialista Alvaro Monteiro. — Sim porque o governador já tinha comunicado aos elementos que compunham a lista da qual o Sousa fazia parte que a lista deles em breve seria empessada e de um momento para o outro altos poderes se ergueram. Em suma, na Câmara do Satão as moscas são diferentes mas a m... é a mesma.

A nomeação da comissão de recenseamento nas muitas freguesias do País deram aso a que os fascistas pudessem demonstrar que ainda estão vivos e prontos para atacar, logo que as condições o permitam. Também a freguesia de Rio de Moinhos não podia escapar, às realidades que atormentam regiões altamente reaccionárias, onde meia dúzia de pequenos e médios burgueses dominavam soberbamente no regime antes do 25 de Abril e, onde pretendem continuar a mandar custe o que custar — senão vejamos:

— Alguém responsável pela Câmara do Satão pediu a um anti-fascista de Rio de Moinhos, para que fosse estudado o processo de ser nomeada uma comissão de recenseamento com o especial cuidado de não incluir nessa comissão indivíduos ligados ao anterior regime, etc., etc., o que não foi nada fácil. A reclamação contra aquela lista tem inevitavelmente que aparecer e a substituição parcial constituída por indivíduos comprometidos com o regime de Salazar-Caetano. Não vamos aqui fazer referência a estes indivíduos, mas sim aos Titeros que apoiavam a sua candidatura, dado a impossibilidade de se auto-elegerem como o faziam antigamente. São eles: — Zé Lourenço, Ernesto Correia (Regedor até 25 de Abril) e um tal António Brás. — Zé Lourenço — ULTRAFASCISTA e altamente ligado ao anterior regime, tendo a sua casa (ADEGA) por várias vezes, quando de eleições anteriores, aberto as suas portas para recolher indivíduos dando vivas a Salazar, Tomás e Caetano. Só dali saindo depois de bem comidos e bebidos. Os presuntos e garrafas de vinho daquele reaccionário tiveram muito valor na freguesia, concelho e arredores. Outro predicado daquele senhor refere-se, ao acto caritativo

da distribuição de uma "malga" — cerca de 1/2 litro de azeite — aos pobres mais necessitados da freguesia — pelo Natal — para receber em troca um ou mais dias de trabalho de boria, quando da apanha da azeitona ou da vindima. É de realçar, que os pobres trabalhadores depois de pagarem várias vezes a mísera dádiva, ainda lhes ficavam em obrigações. Assim qualquer pessoa pode aumentar a sua riqueza; o que é necessário é estofe e dizer aos trabalhadores que quanto mais sacrifícios fizerem cá em baixo, melhor serão recebidos lá em cima. Lamentamos que ainda não tenha havido saneamento em casa do Zé Lourenço, porquanto sua filha casou com um militar que ostenta a patente de major. Pertencerá ao M. F. A. o major Albuquerque?

Quanto ao Ernesto Correia quase não vale a pena falar, pois além de um passado muito duvidoso e comprometedor como homem, como autoridade nada fez que o dignasse. Interrogamonos. Para que serve um regedor numa freguesia, quando tem a utilidade do Ernesto Correia?

O tal António Brás por um lado um pouco mais consciente da sua posição de classe que os seus companheiros, joga todas as cartas possíveis e ao seu alcance para fazer regressar aos seus domínios o fascismo e às Presidências da República e Concelho os srs. Tomás e Marcelo, que segundo ele chefes melhores não conhecera nos dias de vida e não voltará a conhecer; por outro lado a inconsciência leva-o e a toda a família ao desespero, tomando atitudes incríveis — tais como: Tentarem fazer-se passar por democratas, solidarizando-se com o Primeiro-Ministro, ao levarem a cabo um peditório de um dia de trabalho para entregarem ao Governo (autênticos lobos com pele de carneiro). Um filho do Brás dissera que se o comunismo viesse para Portugal, evadir-se-ia para não aparecer mais neste País. Quem há-de suportar as saudades com ausência de tamanho parasita?...

São estes cavalheiros e não só, que tentam um retrocesso na já arcaica mentalidade dos assalariados agrícolas e pequenos camponeses, tentando impedir todo um processo revolucionário que se desencadeia a nível do País. As suas actividades reaccionárias serão desmascaradas sempre que seja necessário, até que parem por completo e percam a fala.

RIO DE MOINHOS

M. H.

SOBRE A PRISÃO DE CONHECIDOS EXPLORADORES DAS CLASSES TRABALHADORAS

Comunicado de imprensa do Secretariado da Comissão Central

As prisões efectuadas a noite passada entre conhecidos representantes do grande capital são um passo positivo dado pelo M. F. A. no sentido de barrer o caminho à actuação dos exploradores e manobradores da burguesia, responsáveis em grande parte pelo desemprego que atinge as classes trabalhadoras em Portugal.

É preciso que a intervenção do Estado nas empresas, regulada pelo Decreto Lei 660/74, e as prisões desses exploradores não se venha a traduzir numa operação de salvamento do capitalismo e que, pelo contrário, sejam medidas no sentido da destruição do sistema.

O P. R. P.-B. R., com a autoridade que lhe advém da sua posição crítica em relação a certas posições assumidas no passado pelo M. F. A., sauda hoje esta medida progressista e apela às massas trabalhadoras que colaborem na captura dos criminosos. Mas o P. R. P.-B. R. adverte que esta medida não vai resolver os problemas de fundo que se colocam neste momento em Portugal e que quando se tomam medidas deste tipo é preciso ir até o fim ou, então, elas representam o princípio do fim para o M. F. A. A actual situação não se compadeca com remedos, com meias tintas. É preciso ir muito mais além: prender centenas de exploradores e seus agentes, nacionalizar os grandes meios de produção e os bancos, passando o seu controlo para a mão dos trabalhadores.

Ao contrário daqueles que, mesmo no Governo Provisório dizendo-se representantes dos trabalhadores, afirmam com toda a desfaçatez que "o capital estrangeiro pode e deve ainda exercer um papel positivo na nossa economia" nós dizemos que é preciso acabar o mais rapidamente possível com as nossas dependências em relação ao estrangeiro e que a única solução para a actual situação portuguesa é a Revolução Socialista.

12 de Dezembro de 1974

PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO

O PRP-BR encontra-se numa intensa fase de organização, no sentido das condições organizativas corresponderem à situação objectiva actual. O PRP-BR tem feito um grande esforço de organização tanto no sentido interno, como para fora de si, no sentido da organização autónoma. Este trabalho de organização culminará na realização do III Congresso, que será em Janeiro, e em moldes totalmente diferentes dos anteriores, de acordo com a situação actual.

Neste sentido têm-se vindo a realizar plenários de sector para discussão da situação actual, organização e preparação do Congresso.

NÚCLEOS DE SIMPATIZANTES

Com muita frequência escrevem-nos núcleos de simpatizantes que estão desligados, trabalhando autonomamente. Dado o enorme trabalho actual dos vários sectores, a ligação e controle faz-se esperar algum tempo, especialmente nas zonas mais afastadas dos centros. APELAMOS para todos esses núcleos no sentido de nos telefonarem (utilizando qualquer dos telefones das Sedes), no sentido de uma melhor comunicação. Um partido tem de ter coordenação entre todos os sectores e zonas.

PRÓXIMOS COMÍCIOS

Dia 18 — Quarta-feira — ALGÉS — União Recreativa e Desportiva de Algés de Cima, às 21.32

Dia 20 — Sexta-feira — VIANA DO CASTELO — Teatro, às 21.30

Dia 21 — Sábado — CAMINHA — (Seixas)

Dia 21 — Sábado — MARINHA GRANDE

entrevista COM UM MILITANTE DA JUVENTUDE DO P.R.P.-B.R.

Entrevista ao camarada Eduardo da organização da juventude do P. R. P./B. R.

REV. — Porque fazes a distinção entre trabalhadores jovens e adultos?

ED. — Durante 48 anos de fascismo nunca os jovens trabalhadores estiveram ausentes da luta. A sua combatividade expressou-se no entanto de uma maneira mais evidente na luta contra a guerra colonial.

Sempre qualquer regime capitalista jogou na divisão das forças produtivas para melhor as explorar. É assim, que surgem as "gerações", criação artificial desta sociedade de exploração e opressão dos trabalhadores. Assim se tenta dividir os jovens trabalhadores dos seus camaradas mais velhos. É por esta razão que os capitalistas exploram os jovens trabalhadores tal como todos os seus camaradas mais velhos e ao mesmo tempo jogando com a divisão dos trabalhadores, imprimem certas características específicas à exploração dos jovens trabalhadores. Estas características específicas da exploração capitalista sobre os jovens trabalhadores, reflectem-se em vários aspectos. Seja por exemplo o problema dos salários, dos despedimentos, do desemprego, da estrutura militar pela qual os jovens trabalhadores têm que passar, o problema do ensino, dos tempos livres, etc.

Na sociedade capitalista qualquer trabalhador para sobreviver tem que vender a sua força de trabalho ao capitalista, dono dos meios de produção. A força de trabalho é então uma mercadoria que traz vantagens ao comprador — o capitalista — e desvantagens ao vendedor — o trabalhador. É por isso que muitos filhos de trabalhadores não podem ter acesso ao ensino pois o seu agregado familiar necessita do seu salário pois o do pai e o da mãe não chegam. Os capitalistas exploram esta necessidade dos trabalhadores empregando os jovens por salários ainda mais de miséria do que os de seus pais.

Para usarem esta discriminação salarial utilizam vários falsos argumentos, como sejam o da pouca produtividade; da idade pré-militar, etc., em que os jovens se encontram.

Quem é o culpado, senão o sistema capitalista, de os jovens trabalhadores necessitarem de estar na fábrica a trabalhar em vez de estarem na escola a desenvolver os seus conhecimentos de modo a que a sua aprendizagem se faça normalmente?

É quem é que na fábrica faz os trabalhos menos higiénicos, senão o jovem trabalhador? Será que o trabalho que o jovem trabalhador

faz na fábrica era possível ser dispensado pelo capitalista? Não! Uma prova disto são os milhares de jovens que se encontram na produção desde os 10 ou 12 anos.

É o jovem trabalhador ter de ir para a tropa é vontade sua? Não! É uma necessidade imposta pelos capitalistas que assim se servem dos jovens trabalhadores para a produção e tentam utilizá-los na repressão dos seus camaradas. Uma prova mais do que evidente de que os jovens trabalhadores são extremamente prejudicados nos salários que auferem é a medida do Governo Provisório de que o **salário mínimo nacional** que é de miséria nem sequer abrange os jovens trabalhadores com menos de 21 anos.

Actualmente em Portugal assiste-se a uma enorme vaga de despedimentos, que os capitalistas tentam utilizar para amortecer as justas lutas dos trabalhadores portugueses. Os jovens trabalhadores são também neste campo afectados de uma maneira especial pelo sistema capitalista.

Os despedimentos dos trabalhadores exigem uma indemnização proporcional aos anos de trabalho na empresa. Ora os jovens trabalhadores, devido à sua pouca idade, são na maioria dos casos os que se encontram há menos tempo na empresa, e assim se explica que os capitalistas despeçam de preferência jovens trabalhadores; por outro lado, como estes também têm que ir para o exército e assim não oferecem continuidade de trabalho ao capitalista, este ainda tem mais preferência por desperdiçar os jovens trabalhadores.

Uma prova disto é o grande número de jovens trabalhadores despedidos.

Por outro lado ao jovem trabalhador o ser despedido representa o ter uma enorme dificuldade de voltar a encontrar emprego. Devido à idade pré-militar, devido à sua pouca experiência os capitalistas não empregam os jovens e quando o fazem, é muitas vezes sob condições especiais que só dão vantagens ao capitalista e desvantagens aos jovens trabalhadores.

O exército é na sociedade capitalista um dos aparelhos repressivos que são utilizados sempre que os capitalistas vêm o seu Poder ameaçado (económico e político). O exército é também utilizado para exercer o domínio imperialista dos países capitalistas sobre os chamados países "do Terceiro Mundo". Foi assim que em Portugal o exército sustentou uma guerra de rapina contra os povos das colónias sobre a dominação portuguesa que lutavam de armas na mão pela sua independência, pelo fim da ex-

ploração.

Mas mesmo agora com o fim dessas guerras o exército não deixa de existir. Continuará, pois o seu papel é também o de reprimir os trabalhadores que no seu país lutam contra um sistema de opressão e exploração. No exército também há classes. Há os representantes da burguesia (os generais, brigadeiros, coronéis, etc.) e os soldados que são trabalhadores fardados. A burguesia tem no exército toda uma máquina de despersonalização, de submissão dos soldados aos seus "superiores" para que estes possam sempre que necessário reprimir os trabalhadores. O exército representa pois, em confrontos violentos de classe um papel muito importante, pois é lá que estão as armas, é lá que estão milhares de jovens trabalhadores fardados de



armas na mão em que o seu papel é fundamental que caíam pelo lado dos capitalistas, quer prefiram morrer lutando pelos interesses da sua classe.

A máquina de despersonalização dos jovens trabalhadores com o fim de os desviar dos reais interesses da sua classe não existe só no exército. Existe também fora deste, e exerce-se por meio de um ensino ao serviço da classe exploradora e de uma cultura burguesa.

O ensino técnico médio na sociedade capitalista visa tal como a cultura, o incutir nos jovens um espírito pequeno-burguês de desinteresse pela luta de classes, trocando-o pela ambição da "promoção social", tentando fazê-los crer que por ganharem mais um pouco, por virem a ser operários especializados, já não são explorados.

O ensino na sociedade capitalista também está dividido segundo as classes de onde provêm os jovens. Os jovens trabalhadores vão na sua grande maioria para as Escolas Técnicas de onde sairão operários especializados para darem mais

lucros aos capitalistas. Não se trata de recusar esta preparação técnica, mas de recusar a divisão que os capitalistas fazem entre operários especializados e não especializados e que utilizam para melhor explorar uns e outros. Os jovens filhos da burguesia vão para os liceus, para mais tarde virem a ser doutores, engenheiros, etc. e continuarem a explorar os trabalhadores.

Aqui também não se trata de recusar a necessidade de certas profissões, mas sim que se não faça a divisão entre os que vão para a produção e os que não vão segundo as classes de que provêm. E como isto reflecte as relações sociais de produção existentes na sociedade, trata-se de as recusar e de lutar contra elas. Trata-se da recusa da divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual.

A comercialização dos tempos li-

Há que compreender com todo o realismo as relações sociais existentes e ter sempre presente que um militante forma-se e não nasce formado e a melhor maneira de o fazer é organizá-lo enquanto jovens pois dividir organicamente a classe operária nem sempre é dividir politicamente e parece-me, neste caso, que é até a única forma de a unir politicamente.

REV. — Há várias organizações que se pretendem dos jovens trabalhadores. Que pensas delas?

ED. — Fazendo uma análise das organizações de juventude existentes todas elas organizam os jovens para os integrar no partido que controla essa organização.

Todas elas se reclamam dos jovens trabalhadores desde as de direita às de esquerda todas elas com o mesmo fito, o de levar os jovens para o seu partido. É claro que isto é uma característica que todas elas têm de comum embora como é evidente também tenham características específicas não segundo a vontade dos jovens trabalhadores de que elas se reclamam mas segundo o partido que as criou e o que é mais grave as controla.

REV. — Como vês tu então, que deve ser a organização dos jovens trabalhadores?

ED. — O principal é organizar os jovens trabalhadores no sentido de combater a ideologia burguesa que os tenta dividir dos seus camaradas mais velhos, de engrossarem as fileiras da organização autónoma da classe operária e não para irem para este ou aquele partido consoante a organização a que pertencessem.

Não se nega a participação dos jovens mais conscientes neste ou naquele partido, mas nega-se sim que se pretendam organizar os jovens trabalhadores tendo como fito exclusivamente integrá-los num partido. Isto sim é dividir os trabalhadores e aproveitar-se da pouca formação ideológica e experiência de luta de muitos jovens trabalhadores devido à sua pouca idade para assim engrossarem as fileiras deste ou daquele partido e não da Organização Autónoma da Classe Operária. É aquilo que considero oportunismo.

Há pois que organizar os jovens mas autonomamente de qualquer partido, numa organização que não seja controlada por nenhum partido e em que a sua direcção seja na sua grande maioria senão na totalidade constituída por jovens trabalhadores. Não se trata da experiência da vida".

PESCADORES DO

180 dias no mar durante os quais trabalham diariamente 18 horas, tendo portanto 6 horas para dormir; assistência médica deficiente — no mar morre-se por falta de assistência; instalações que além de insuficientes, são más — os pescadores dormem em verdadeiras caixas de sardinha postas umas em cima das outras, não têm armários para a roupa, não têm instalações sanitárias com o mínimo de condições de higiene. E nestas condições que vivem e trabalham os pescadores da pesca do bacalhau.

Estivemos com um deles que cumpriu há bem pouco tempo os 6 anos do bacalhau. Além de falarmos sobre a vida e luta dos pescadores no barco onde trabalhava, com a experiência que tem do mar da pesca do bacalhau, esse pescador pensa que existem condições para remodelar toda a indústria das pescas com benefício para o país e para os pescadores. Mas, claro, é preciso acabar com os armadores e com os jogos de interesses. A sua ideia é simples e não implica grandes dificuldades.

Aliás o problema é de organização e isso os pescadores são muito bem capazes de o fazer. "Nós temos na pesca do bacalhau 23 navios. Ficavam 20 navios constantemente nos bancos e três ficariam em terra para reparação. Punham-se 10 navios por canal, ou seja faziam-se 2 grupos de navios. Arranjavam-se 4 desses paquetes que foram vendidos ao preço da chuva. A viagem de Portugal até aos bancos demora 8 dias. Com 8 dias mais, que permaçam lá e mais outros 8 para o regresso, faz ao todo 24 dias. Um navio, quando a pesca está má, pesca em média 100 quintais de bacalhau por dia. Portanto, em 24 dias dava 2400 quintais. E como são 10 navios dá 24000, por grupo. Os paquetes iam lá aliviar os navios, levar sal, águas e gásóleo. Enquanto metiam o peixe nos porões frigoríficos uma equipa médica podia ver o pessoal.

Além disso esses paquetes podiam estar equipados para mudar as tripulações, que passariam lá só 3 meses em vez dos 6 que passam agora. Todos os meses podiam trazer à volta de 50 mil quintais de bacalhau".

Como as coisas se passam agora é que não pode ser. Há uns barcos que, durante os 60 dias que estão no mar, pescam 7 mil quintais, outros 13 mil, etc. Assim só beneficiam os armadores "que preferem aliviar os navios de trabalho do que os pescadores" — como diz o nosso interlocutor. Os armadores preferem mesmo deixar bacalhau ao mar do que pagar para descarregar, quando a quantidade que têm para descarregar em relação ao que têm que pagar, não lhes dá aquele lucro que estabeleceram lá entre eles. Não o dão ao pescador. Atiram-no ao mar.

Mas os pescadores estão em luta. Há mesmo alguns barcos que ainda não saíram porque os pescadores não viram satisfeitas as suas reivindicações.

É por isso que perguntamos:

REVOLUÇÃO: O que é que se passa com os bacalhoeiros?

PESCADOR — A malta não assinou a matrícula porque pedia a alimentação igual para todos. Os oficiais tinham dois pratos e nós só tínhamos um.

REVOLUÇÃO: Trabalhavam mais e comiam menos, não é?

PESCADOR — Parece mentira mas não é... Trabalha-se 18 horas por dia, descansa-se 6 horas e depois recomenda-se.

Mas o que nós pedimos foi: 1.º alimentação igual para todos. 2.º Desinfecção do navio porque está cheio de ratos e porcaria. Imagine o que são 60 homens dentro duma "cana" daquelas durante 180 dias.

Outra coisa era que nós não somos ciganos nenhuns para andarmos com o colchão às costas. A companhia não nos dava colchão nem roupa de cama.

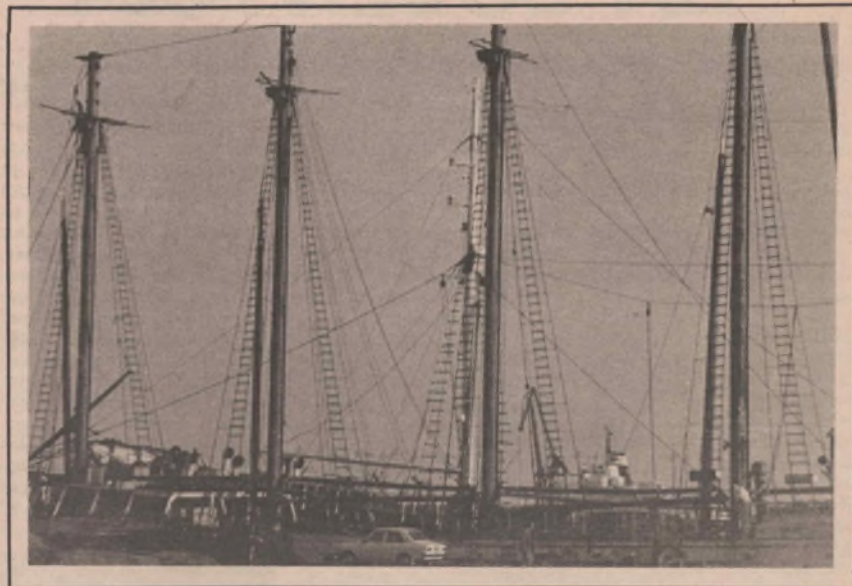
Ficou aprovado que a alimen-

tação seria igual para todos, desinfecção do navio — o que eles ainda não fizeram — e o fornecimento a todos os tripulantes de artigos de higiene e roupa de cama. No entanto acho que o navio não tem condições para dar de comer a todo o pessoal.

REVOLUÇÃO: De que empresa é o navio?

PESCADOR — É da S.N.A.B. O navio sai de Portugal e demora a chegar ao Canadá, a St. Johns Newfoundland, uns 70 dias. Ora o navio não tem condições para levar comida suficiente para essa viagem toda. A alimentação de bordo é a seguinte: às 6 da manhã há café com borras e que às vezes é salgado porque é feito com água do mar. A companhia comprometeu-se a meter um destilador de água para a via gem.

O navio sempre que vai a terra reabastece-se de água para alimentar a caldeira, a máquina



principal, a cozinha, e para o vapor que vai derreter o fígado para fazer o óleo. Com isto tudo não há água que chegue. Então qual é a resolução dos tipos? Reduzem-nos a meio litro de água por dia, que tem que dar para lavar a cara, lavar os dentes, e os pés — porque estão dentro de botas de borracha durante 18 horas — e tem que dar para beber ainda. É insuficiente como podes calcular.

Concordaram quando chegamos a Portugal em meter um destilador, mas isso só ficou escrito. As deficiências de alimentação são enormes. O pão é cozinhado em 3 horas para 60 homens. O almoço consiste num prato de carne que por ser mal cozinhado sobrava sempre. Tínhamos que fazer uma caldeira nós mesmos e ao jantar a mesma coisa porque normalmente esta refeição é feita sempre com "sanapaio", que é o bacalhau pequenino e fresco, só varia a maneira de o cozinhar.

Tínhamos direito a 1/2 litro de vinho. Mas como eles não tinham em conta, se um barril rebeitar ou o vinho azeda, levavam sempre a mesma quantidade. E então faltava vinho para nós. Mas a mestrância tinha sempre.

REVOLUÇÃO: Mas esse problema não foi tratado no Ministério do Trabalho?

PESCADOR — Sim foi. Face aos delegados sindicais, e ao representante do Ministério do Trabalho a União dos Armadores e o Grémio concordaram com as reivindicações. Depois na prática vieram dizer que o navio não tinha capacidade para transportar as provisões necessárias, que seria muito dispendioso, etc., etc.

REVOLUÇÃO: Mas o acordo está assinado?

— Sim, está assinado, mas a malta é que não vai para o mar enquanto não for cumprido.

Tivemos uma reunião no barco em que esteve presente um elemento da União dos sindicatos, o capitão Ruben. Este senhor pretendia convencer-nos a ir para o mar sem que estivessem satisfeitas as nossas reivindicações. Começou por propôr que fizéssemos a reunião na ponte que era onde estavam os oficiais. Mas o pessoal decidiu que havia de ser no convés e eles acabaram por vir para baixo, à sala do rancho, discutir.

REVOLUÇÃO: E quais eram os argumentos do capitão Ruben?

PESCADOR — Quando a malta estava naquela euforia ele fez um discurso sobre as eleições censensamento, etc. Sobre os nossos problemas nada!

REVOLUÇÃO: Que argumentos é que ele apresentava para o barco sair?

PESCADOR — Apresentava os argumentos da administração (política de austeridade, etc) e tentava intimidar-nos com o problema dos despedimentos, do desemprego fazendo apelo a que os trabalhadores fizéssem sacrifício.

Mas o pessoal votou em bloco. O barco está para sair à mais de um mês mas não sai...

REVOLUÇÃO: Em relação ao horário de trabalho, vocês não fazem exigências?

PESCADOR — Sim. A companhia Mas creio que está em estudo com o novo contrato. **REVOLUÇÃO:** O pessoal está todo a bordo, não é? **PESCADOR** — Sim. A companhia está completa para ir para o mar. A tela que nós batemos quando chegámos foi a da comida. É nisso que eles não querem ceder.

Disseram que iam recorrer ao técnico da Secretaria de Estado das Pescas. Um dos administradores disse que não havia nenhum navio da S.N.A.B que tivesse lucro. Mas vejamos o "Carvalho", veio carregado, trouxe 23 mil quintais de bacalhau. Foi descarregar para Setúbal e depois foi para o Barreiro, sob prisão, porque eles estavam a roubar o pessoal na descarga. Foi depois descarregado por conta da companhia. O Elizabeth veio carregado. O Pedro Barcelo trouxe 13400 quintais. O Envia trouxe também 13500 quintais. O navio que trouxe menos foi o Fontes...

Será que não tem lucros que dêem para fazer "o caldo"?

REVOLUÇÃO: Quais são as vossas percentagens?

PESCADOR — As nossas percentagens são mínimas. O nosso ordehado é de 4.600\$00, descomtam-nos 1.000\$00 para comer embora não esteja no contrato. As percentagens, ninguém chega a perceber aquilo... São feitas à maneira deles. Sei que o carregamento do navio foi de 16.000 e tal contos e a mim calhou-me 9.000\$00. Há uns que recebem oito partes, outros nove e outros treze.

Fomos aumentados a seguir ao 25 de Abril. Antes ganhávamos 1.640\$00, agora o ordenado mais alto do pessoal é de 5.000\$00 e o mais baixo 4.400\$00.

Eles querem pessoal para o bacalhau e não têm.

REVOLUÇÃO: Porquê? **PESCADOR** — Nós fomos dos primeiros a rejeitar a guerra colonial. Em vez de irmos à tropa para o bacalhau, até aos 26 anos, o contrato ainda é por 6 anos. Mas eu penso que daqui por dois anos querem pessoal para o bacalhau e

BACALHAU

**“NÓS
FOMOS DOS
PRIMEIROS
A
REJEITAR
A
GUERRA
COLONIAL”**

não têm. Ou pagam bem pago e reduzem o tempo ou então não vai lá ninguém.

Há ainda uma coisa de que vos queria falar: dos alojamentos que são miseráveis. Digo sinceramente que a primeira vez que levei a minha mulher a bordo até tive vergonha. Aquilo são umas autênticas gavetas, o sítio onde dormimos. Não temos um armário para meter a roupa. Temos que a meter num cobertor que colocamos por baixo do colchão. Não podemos ter um rádio. Só sabemos notícias quando voltamos ou quando vamos a terra, aí de 70 em 70 dias.

REVOLUÇÃO: Nem uma sala de convívio têm?

PESCADOR — Não temos nada. Aquilo é de dar em doi do. Olhei. Fui uma vez a bordo de um navio polaco que era pouco maior que estes nossos, mas tinha de tudo.

O problema é este, eles lá só levam 7 homens, 5 dos quais escaladores que usam uma máquina

de escalar. Esta máquina faz o trabalho de 3 escaladores. Além de permitir que não se estrague peixe. Mas aqui eles antes querem pagar uma miséria a três ou quatro escaladores do que comprar uma máquina.

REVOLUÇÃO: E quanto a assistência médica?

PESCADOR — A assistência é outro grande problema. Não temos um único médico, só enfermeiros. Um homem tem alguma coisa e como está a quatro ou a cinco dias de terra muitas vezes não chega a tempo de receber os cuidados médicos e morre.

Não há um navio de apoio. Tínhamos o Gil Eanes, que era só bom para estar em terra.

Lembro-me de um caso que se passou com o navio do capitão Ferreira. Morreram 2 ou 3 homens da mesma companhia. Estes casos endurecem os homens e levam-nos a lutar. Mesmo durante o regime fascista fizemos várias lutas.

COSTAIN

A CONSTAIN é uma empresa inglesa que explora o ramo de construção de vivendas de "Luxo", que tem ganhanças fabulosas, e que, por sua vez, os trabalhadores então submetidos às mais vis condições de exploração.

Não se contentando com o gozo do bom sol que o nosso cantinho Algarvio proporciona aos senhores empresários, vêm ainda estes mesmos explorar a mão-de-obra portuguesa no nosso próprio solo, tudo isto, devido à nossa boa política de uma mais larga abertura ao investimento de capital estrangeiro. Todo este género de manobra reflete a crise do sistema capitalista que luta pela sua sobrevivência de manter e aumentar o seu capital.

Ao termos conhecimento de um conflito de trabalho na empresa CONSTAIN de construção civil na zona de Vale de Lobo — Almansil, para lá nos dirigimos a fim de fazer uma entrevista com alguns trabalhadores, a qual passamos a transcrever:

Revolução — Qual o motivo que originou esta situação conflituosa entre trabalhadores e a empresa?

Operário — O despedimento de 113 trabalhadores, o qual nós não aceitámos. Já alguns meses atrás que nós sentimos grande instabilidade dentro da empresa, devido a certos boatos postos a circular pela mesma, que não

tinham dinheiro. Além, do despedimento desses 113 camaradas de trabalho, sabemos que, há já elaborada uma outra lista de 70, e deste modo acabaríamos por ser todos despedidos. Não acreditamos que, a empresa não tenha dinheiro porque veio cá baixo alguém do Ministério do Trabalho, perito em contabilidade e depois de uma minuciosa peritagem ficámos a saber que, a empresa tem lucros fabulosos os quais são o fruto roubado do nosso trabalho e prova evidente da exploração a que nós trabalhadores estamos sujeitos por parte da empresa.

Revolução — Em concreto a vossa luta é contra o despedimento?

Operário — Sim é.

Revolução — Neste momento, como é que vocês estão organizados?

Operário — A empresa está dividida em 8 secções de trabalho, em cada uma das quais foi eleito um trabalhador, em Assembleia Geral de Trabalhadores, para a formação de uma Comissão Representativa. Desta Comissão, 4 elementos não se identificaram com os nossos reais interesses fazendo abertamente o "joguinho" do capital, o que debilitou o trabalho da comissão. Em face disto, foi exigido por todos nós, trabalhadores, que nos tornássemos a

reunir em nova Assembleia com o principal objectivo de eleger novos representantes. Mas, devido a quererem impôr-nos a aceitação de elementos que não defendem os nossos interesses de classe e nem sequer são trabalhadores, rejeitámos tal ideia, concluindo que isso não passava senão de uma manobra da empresa para nos dividir.

Revolução — Em face de tudo isto quais as medidas de ordem prática que tem assumido?

Operário — Nós continuamos nos locais de trabalho mesmo sem receber salário, e, como primeira medida cortámos todo o abastecimento de água à zona de Vale de Lobo incluindo todas as vivendas, locais de construção, etc. etc., com excepção do Hotel. Montámos piquetes durante 24 horas para protecção das instalações de água. Montámos piquetes em Faro nos escritórios para impedir que camaradas menos conscientes possam ser levados a aceitar não só a indemnização o que significaria, para eles próprios, a assinatura do seu despedimento, mas também, uma "Gentil" oferta de 1000\$00 (o décimo terceiro mês).

Agimos desta maneira por considerar que essa aceitação na prática, prejudicaria o interesse maioritário e enfraqueceria a nossa luta.

Revolução — Em que condições

PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS

- ACABAR COM A SOCIEDADE CAPITALISTA
- ACABAR COM A EXPLORAÇÃO DO HOMEM PELO HOMEM
- LUTAR CONTRA O COLONIALISMO E NEO-COLONIALISMO

- LUTAR CONTRA O IMPERIALISMO NA PERSPECTIVA DO INTERNACIONALISMO PROLETÁRIO
- ORGANIZAR OS TRABALHADORES PARA A TOMADA DO PODER

● A TOMADA DO PODER PELOS TRABALHADORES É SEMPRE PELA VIOLÊNCIA REVOLUCIONÁRIA

● O PROLETARIADO NO PODER É A DITADURA DO PROLETARIADO

● A DITADURA DO PROLETARIADO NÃO É A DITADURA DUM PARTIDO OU DUM GRUPO, É A DITADURA DA CLASSE QUE É UMA FORMA SUPERIOR DE DEMOCRACIA

● A DITADURA DA CLASSE TEM DE SER EXERCIDA POR ESTRUTURAS ELEITAS PELA CLASSE

● ESSAS ESTRUTURAS SÃO AS COMISSÕES DE TRABALHADORES ELEITAS EM ASSEMBLEIA E REVOLUCIONÁRIAS A TODO O MOMENTO

● ASSEMBLEIAS DE TRABALHADORES, COMISSÕES DE TRABALHADORES, DELEGADOS DE COMISSÕES SÃO A ORGANIZAÇÃO AUTÓNOMA DOS TRABALHADORES

● A ORGANIZAÇÃO AUTÓNOMA É A ÚNICA REPRESENTANTE LEGÍTIMA DOS TRABALHADORES

● A ORGANIZAÇÃO AUTÓNOMA DOS TRABALHADORES É QUE EXERCERÁ A DITADURA DO PROLETARIADO

● CABE AO PARTIDO REVOLUCIONÁRIO A ANÁLISE POLÍTICA DA SITUAÇÃO CONCRETA, DE ACORDO COM UMA PERSPECTIVA POLÍTICA GLOBAL

● CABE AOS MILITANTES ESTIMULAR A ORGANIZAÇÃO AUTÓNOMA, LUTAR DENTRO DELA POR UMA LINHA JUSTA; PROPAGANDEAR A PERSPECTIVA REVOLUCIONÁRIA, RECRUTAR NOVOS MILITANTES

● NA SITUAÇÃO ECONÓMICA, SOCIAL E POLÍTICA ACTUAL SÓ HÁ UMA SAÍDA PARA OPOR AO FASCISMO E AO CAPITALISMO — A REVOLUÇÃO SOCIALISTA

é que vocês trabalham?

Operário — As condições são deficientes, não temos refeitório, comemos abrigados pelo sol e pela chuva e, nem sequer, um fogão para aquecer a comida, não temos capacidade, não temos instalações sanitárias e também não temos duche.

Revolução — E sobre o décimo terceiro mês?

Operário — Estamos alerta porque pensamos que a apresentação da 2.ª lista de despedimentos não tardará e, isso, é mais uma manobra da empresa, porque, quanto mais trabalhadores forem despedidos menos dinheiro terão que desembolsar.

Revolução — No caso que, a

empresa mantenha a sua posição que pensam fazer no futuro?

Operário — Neste momento esperamos uma resposta da empresa no caso que essa resposta, seja negativa, continuaremos a luta até serem satisfeitos os nossos direitos como garantia ao trabalho, pagamento de todo o salário congelado, e...

Somos:

Pelo direito ao trabalho
Pelo décimo terceiro mês
Pela organização autónoma dos trabalhadores

Contra as manobras divisionistas

(entrevista realizada pela secção do "Revolução" da organização local de Olhão)

FÁBRICA DE MALHAS «LUSO-VALE»

OPER. — tendo entrado para a fábrica em 15 de Setembro de 1971, nunca a Proprietária mostrou interesse no desenvolvimento da fábrica.

O ano económico de 1973 foi proveitoso, tendo-se realizado 1600 contos sem ter em conta o que foi vendido com a fuga dos impostos.

O ano de 1974, começou mal, com falta de serviço.

Perante o 25 de Abril, exigimos o salário mínimo, tínhamos nessa altura 30 operários, tendo ela despedido logo 16, alguns dos quais porque não estavam inscritos.

Pensou-se numa forma de continuar a trabalhar; a Senhora disse que tinha ido a Lisboa falar com o Álvaro Cunhal (não sei se foi se não, não vi) para pedir auxílio, porque nessa altura se falava no auxílio à pequena e média empresa. Em Maio e Junho mandaram-se 4 operários da fábrica para férias. Pensou-se em fechar a fábrica para férias de 8 a 22 de Julho, de acordo com a proprietária. Tendo eu aberto a fábrica a 22, conforme tinha sido combinado, a senhora afirmou que a fábrica tinha encerrado definitivamente. Pelo que efectou o pagamento de 15 dias do mês de Julho. Recusou-se ao pagamento das férias.

Continuou-se a trabalhar contra a vontade da proprietária. Em 12 de Setembro, como ela se recusou a pagar, parámos as máquinas reivindicando o salário. Afirmou-nos que não tinha dinheiro, e perante as «lamúrias» trabalhámos mais alguns dias. Como continuassemos sem o salário, parámos novamente as máquinas exigindo o produto do nosso trabalho. Reconheceu a nossa razão, propondo-nos que «aguentássemos» mais alguns dias até vender «uns lotes de malhas» e descontar umas letras que tinha em carteira. Mas entretanto o dinheiro da facturação desaparecia. E nós continuávamos sem receber. Decidimos então vender uns lotes de «malhas que tínhamos em armazém», para obter o dinheiro necessário para pagar aos trabalhadores. Dessa venda realizámos 28 300\$00 e comprometemo-nos a entregar a encomenda ao comprador, o que ela recusou, porque nessa altura já andava com advogados, e já tinha na fábrica um indivíduo a tratar do encerramento da escrita. Nós tínhamo-nos comprometido com o comprador, e fomos entregar a encomenda. Entretanto, a proprietária mandou a irmã ter connosco para trazer o dinheiro, com receio que eu, como tinha os meus salários em atraso, me pagasse dessa importância. Como o dinheiro não chegou para pagar a todos, eu fui ao Banco saber da situação das «Letras» e informaram-me que as letras não tinham valor comercial. Na quarta-feira anterior à ocupação notei movimentos estranhos na fábrica, fui para a porta e disse à minha mulher para ir chamar o restante pessoal.

Quando a minha mulher chegou viu que, enquanto eu estava «entretido» por um dos sócios à porta da Fábrica, o irmão estava com uma furgoneta no Armazém, que fica separado da Fábrica, a carregar a matéria-prima que era a nossa única segurança.

Como eu me opus a que nos roubassem, tentaram subornar-me, oferecendo-me uma máquina e fio para eu «me governar», como eles disseram (que tinham muita consideração por mim). Não aceitei o suborno, e disse-lhes que dali não tiravam nada enquanto não pagassem a todos os trabalhadores. Reunimos o pessoal todo, e ficou metade no Armazém e outra metade na Fábrica.

No dia seguinte de manhã tranquei as portas e fui para o sindicato e trouxe dois indivíduos comigo. Chegámos cá ao meio dia e mandámos chamar a proprietária e nem ela em o sócio apareceram.

O comportamento destes dois senhores foi tão estranho, (e um deles até trazia o emblema do Partido comunista no casaco) que eu quase iria jurar que eles foram subornados.

REV. — Sabes o nome deles?

OPER. — Um chamava-se Rodrigues e outro Pinheiro. O resto dos nomes não sei.

REV. — Mas o que é que te fez pensar que eles tinham sido subornados?

OPER. — É que à vinda do Porto para cá, vinham com ideias favoráveis à ocupação da Fábrica. Chegadas cá foram comer e foram chamados a casa da Patroa, sem nós irmos com eles, e depois quando voltaram a patroa já veio com eles. O Rodrigues (o que trazia o emblema do P.C.) ainda foi moderado, mas o outro eu nem sei descrever o comportamento dele. Começou a dizer que eu não devia ter ocupado a fábrica, que, quando à uma e meia da manhã fui dar com a porta do armazém aberta devia ter dado as chaves aos patrões, que nunca devia ter trancado as portas porque eles é que eram os Patrões. Eu então entreguei a chave mediante um documento assinado por ela proprietária, membros do Sindicato e Ministério do Trabalho. Nesse documento ela compromete-se a abrir as portas aos trabalhadores, e continuar a laboração da Fábrica. A Fábrica trabalhou na Quinta, na Sexta e no Sábado dessa semana de ocupação.

Na segunda-feira fui outra vez ao Sindicato, para os pôr ao corrente das manobras repressivas da parte dela (por ex. pôr crianças a fiscalizar o nosso serviço, etc.).

/ Tentaram tudo para criar a nossa desunião, chegando ao ponto de fazer «falsas afirmações» desmentidas por todos os operários ouvidos. Como exemplo posso dizer que a mãe da proprietária, reuniu os trabalhadores tratando-nos por «camaradas», e afirmou publicamente que eu tentara abusar de uma operária.

Tentaram manobras provocatórias, esperando que nós nos enervássemos. Felizmente soubemos sempre manter a calma.

Na segunda-feira, no Sindicato entregamos ao Sr. Martins Júnior a declaração que comprovava a eleição da Comissão de Trabalhadores — devo referir que esse senhor Martins Júnior, que já devia ter sido saneado do Sindicato nunca nos apoiou.

Nessa segunda-feira houve também uma reunião de credores, para uma concordata em que se propunham 20%. É importante referir que a família da proprietária aparece toda como credora (o marido é credor de 1500 contos e ela própria aparece também como credora).

Fui então a Aveiro para falar com o Dr. Albertino (que tinha pedido a demissão). Falei então com o Angelo que é o nosso delegado sindical, mas que «muito ocupado», segundo nos disse, não nos pôde dar atenção.

Na sexta-feira seguinte voltei ao Sindicato, chamando-lhes a atenção para o facto de ela querer fechar a fábrica no dia seguinte, sábado, sem pagar aos operários.

Nesse mesmo dia ela foi chamada a S. João da Madeira ao Ministério do Trabalho, a esse mesmo Dr. Albertino (que embora tendo já pedido a demissão, ainda estava no exercício das suas funções). Esse mesmo dr. Albertino disse-me a mim que se comovia com as lágrimas da senhora, que tinha o marido doente, e um filho de 7 anos (e outro na tropa), mas como eu disse ao Dr. Albertino, ela esqueceu-se de lhe dizer que tem uma cota nos lactínios de Aveiro que vale 6000 contos.

Eu exigi então que no dia seguinte, sábado, estivesse lá um sub-delegado do Ministério do Trabalho para assistir aos pagamentos (ordenados, férias, subsídios de férias e indemnizações).

Veio então um tal Sr. Pedro, mas os pagamentos é que não se fizeram (esse Sr. Pedro também teve atitudes pouco favoráveis aos empregados). Adiaram-se então os pagamentos para a terça-feira seguinte.

No sábado contei toda a existência da firma e informei a proprietária que na segunda-feira aparecíamos todos ao serviço. Do sindicato, insisto, não apareceu ninguém. Informavam-nos que andavam com reuniões, «que não tinham pessoal» etc. O que é certo é que não apareciam.

Na segunda-feira quando comparecemos ao serviço a porta estava fechada e fomos novamente a Aveiro, porque a proprietária e um sócio tinham andado no domingo a pregar as portas e as janelas da fábrica. Eu, nesse domingo avisei-os de que podiam pregar as portas que nós comparecíamos à mesma à porta da fábrica. A irmã da proprietária tentou agredir a minha mulher, e provocar-me, o que



A ocupação das fábricas continua a ser uma forma de luta dos trabalhadores

(Foto tirada na Luso-Belga)

permitted a reunião de muita gente, mal informada e mal esclarecida politicamente.

Em Aveiro pedimos a intervenção do Sindicato que só cá veio na quarta-feira, e foi preciso eu e a minha mulher irmos buscá-lo ao Porto e levá-lo a ele, que tem carro e vende ajuizes de culete.

Na quarta-feira vieram cá. Telefonei para o Jornal de Notícias mas ninguém apareceu. Falamos com a proprietária à porta da casa dela, ela com «cenas de teatro», que tinha o marido a morrer» que «estava na miséria» etc., o que mais uma vez permitiu que se juntasse muito povo, que sem informação do que se passava, ainda se puseram contra nós, mandando-nos «trabalhar para as terras», «vindimas» etc.

Enfim, também se não resolveu nada.

Continuamos a ir para a porta da fábrica todos os dias, e suportávamos a presença de provocadores, que nos chamavam «malandros», «mandavam-nos trabalhar», etc.

Depois disso ainda foi chamada, juntamente com a Comissão de Trabalhadores a S. João da Madeira, ao substituto do dr. Albertino, um tal dr. Pimentel, na presença do delegado sindical (que aí teve uma atitude mais favorável

aos trabalhadores). Mas ali também não se resolveu nada.

Enfim, ficamos assim...

REV: Pediram ajuda a algum partido?

OPER: Quando da ocupação da fábrica, telefonámos para o centro do Partido Comunista em Aveiro e foram eles que comunicaram ao sindicato que depois entrou em contacto connosco. E foi tudo o que o Partido Comunista fez. Lamentei que tendo o partido um jornal, o Avante nem sequer tenha dado publicidade ao ocorrido.

O Partido Comunista sabia do que se passava e nada fez no sentido de nos apoiar.

REV: E em que posição é que vocês estão agora? Gostavam que a fábrica reabrisse?

OPER: Nós estamos todos unidos e exigimos uma intervenção por parte do Movimento das Forças Armadas.

Nós queremos continuar a trabalhar e temos tido o apoio dos credores. Se a proprietária não quer trabalhar, nós temos uma comissão de trabalhadores para dirigir a fábrica e exigimos uma tomada de posição a sério, por parte dos responsáveis.

Temos um abaixo assinado por todos os trabalhadores em que exigimos aquilo a que temos direito: Trabalho.

SEDES

LISBOA — Rua do Arco do Carvalhão, n.º 1, 5.º Dto.

— Tel. 71 09 82

PORTO — Apartado 200 - Vila Nova de Gaia

— Tel. 69 50 80

ÉVORA — Largo do Chão das Covas, 21

— Tel. 24 99 8

LUTA DOS TRABALHADORES NA EMPRESA DE CONSTRUÇÃO CONSTAIM (ALGARVE)

Continua a luta dos trabalhadores por todo o País. Assim na empresa de construções CONSTAIN localizada em Almonacid (Algarve) os trabalhadores responderam com um corte total do abastecimento de água e luz, perante o congelamento dos salários a partir de 30 de Novembro, efectuado pelos patrões.

Esta é uma das respostas a dar pelos trabalhadores da empresa com o fim de desmascarar as tentativas divisionistas do patronato.

Há que eleger uma comissão de Luta, comissão essa eleita por todos os trabalhadores da empresa, para que sejam os próprios trabalhadores a resolver os seus problemas e ninguém em nome deles.

Reforçar a unidade dos trabalhadores da empresa, criar um sindicato revolucionário dentro dela, são outras formas de combate frontal com o capitalismo, a culminar com a greve e a ocupação das instalações, se os tra-

balhadores acharem necessário recorrer a estas formas de luta.

A hora neste momento é de avanço para todos os trabalhadores. A burguesia todos os dias dá mostras de incapacidade e desespero, paralelamente a organização dos trabalhadores cresce continuamente. A tremenda crise que se abate sobre o capitalismo português, é indissolúvel e a situação evolui e agudiza-se de dia para dia.

Perante esta situação uma única solução se torna possível para os trabalhadores, a Revolução Socialista. É necessário caminharmos decididamente, organizando-nos a todos os níveis (comissões de fábrica ou local de trabalho, comissões de luta, sindicatos revolucionários, de base e por empresa) autonomamente ou no seio de um partido revolucionário do proletariado, que analise, coordene e perspetive a luta dos trabalhadores.

O Partido Revolucionário do

Proletariado-Brigadas Revolucionárias mais uma vez está solidário com esta luta dos trabalhadores e apoia as justas tomadas de posição dos operários da Constaim, frente às manobras fascistas dos patrões.

CONTRA O CAPITALISMO!
PELA REVOLUÇÃO SOCIALISTA!

CONTRA A EXPLORAÇÃO CAPITALISTA!
PELO PODER DOS TRABALHADORES!

MORTE AO FASCISMO!
PELA DITADURA DO PROLETARIADO!

Núcleo de Almonacid do PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO-BRIGADAS REVOLUCIONARIAS.

Almonacid, 12 de Dezembro de 1974

entrevista

Continuação pág. 3

COM UM MILITANTE DA JUVENTUDE DO PRP-BR

clusão dos jovens estudantes; o que se deve pensar é que os jovens estudantes devem porvar na prática que estão ao serviço da classe operária e melhor que ninguém para dirigir uma organização de jovens trabalhadores que os próprios jovens trabalhadores.

Assim pois os jovens trabalhadores devem organizar-se autónoma e revolucionariamente.

E o que prova que uma organização é revolucionária é a sua prática e os seus objectivos.

REV. — Quais devem então, ser os objectivos duma organização autónoma e revolucionária de jovens trabalhadores?

ED. — Esta organização autónoma e revolucionária deverá lutar pelo fim desta sociedade de exploração do homem pelo homem, portanto pelo fim do sistema capitalista.

Deve lutar pela integração e participação dos jovens na organização autónoma da classe operária pois esta é a legítima representante dos trabalhadores, deve pois lutar pela participação dos jovens em todas as formas de actividade política e da luta de classes.

A auto-educação política e revolucionária dos jovens trabalhadores é uma necessidade e portanto esta organização deve ter como preocupação este facto, e lutar pela formação de bons militantes para a luta de classes.

Deve lutar contra o colonialismo e o neo-colonialismo, contra o imperialismo, pelo internacionalismo proletário, mostrando a sua solidariedade com todos os trabalhadores do mundo, que lutam contra a exploração e a opressão, utilizando a justa fórmula de que a melhor maneira de expressar a sua solidariedade com todos os outros trabalhadores do mundo é fazer no seu próprio país a Revolução Socialista dando assim uma forte machadada no imperialismo. Deve no caso de Portugal lutar pela independência imediata e completa das colónias que Portugal mantém sobre a sua dominação reconhecendo os legítimos representantes destas e não os representantes fantoches numa perspectiva neo-colonialista.

Deve lutar contra todas as medidas lesivas dos interesses dos trabalhadores como sejam por exemplo a lei da greve que não passa de uma lei anti-greve, contra a lei sindical e todos os outros decretos e leis que vão contra os interesses imediatos dos trabalhadores.

Como os jovens trabalhadores

tariado. E então se verificará que não há uma cultura burguesa e uma cultura popular, uma cultura alta e outra baixa. Verificar-se-á que a cultura é como a respiração; como o comer e o beber; é uma necessidade e uma alegria necessária a toda a gente. Simplesmente a cultura, como a riqueza está mal distribuída, e tornando-se o privilégio de uns

são dos mais prejudicados pelas baixas salariais o que significa auferirem salários inferiores aos dos outros trabalhadores, a organização deve lutar por a trabalhar igual correspondendo salário igual. Como os jovens trabalhadores são dos mais afectados pelos despedimentos e muitos se encontram numa situação de desemprego ou de subemprego, a organização deve ter como objectivo lutar contra os despedimentos e o desemprego denunciando e agudizando as contradições do sistema capitalista.

Deve lutar pelo saneamento político e revolucionário, em todos os locais de trabalho e a outros níveis, luta esta pelo controle dos meios de produção pela classe operária.

Deve lutar pela nacionalização sem indemnização ao capitalista e socialização das grandes empresas e das que se encontram em precárias condições financeiras ameaçando despedir os trabalhadores.

Deve preparar os jovens trabalhadores para que dentro dos quartéis se organizem revolucionariamente; para que pratiquem a luta de classes no seio do exército e sob a óptica do internacionalismo proletário, compreendam a função do exército e as suas contradições e assim o subvertam. Deve também neste campo encontrar as formas de apoiar os jovens trabalhadores nos quartéis para que estes não se sintam isolados de todos os outros trabalhadores.

O principal objectivo deverá pois ser o organizar os jovens trabalhadores para o derrube do sistema capitalista, pois só com o fim deste poderá acabar a exploração a miséria, a fome de quem trabalha.

Como o derrube do sistema capitalista, única forma de acabar com a sociedade de exploração e opressão dos trabalhadores é pela Revolução Socialista, e esta passa necessariamente pela violência de massas, a organização deve elevar a combatividade própria dos jovens trabalhadores até à prática da violência revolucionária de massas.

Deve lutar pela Ditadura do Proletariado exercida pelas estruturas saídas da classe operária, portanto pela Organização Autónoma da Classe Operária, e não por um aparelho partidário seja ele qual for, como única forma de lutar pela construção da sociedade socialista, pelo fim da exploração, pelo fim da existência de uma sociedade sem classes nem gerações, PELA SOCIEDADE COMUNISTA.

tantos, se aliena e é utilizada como factor alienante.

Contra isto só há um caminho: a revolução socialista, e em particular a revolução cultural. Isto são duas faces da mesma realidade, mas os respectivos caminhos devem revestir-se de uma grande autonomia, constantemente permutando as suas experiências e conquistas.

Continuação pág. 8

CULTURA DOMINANTE

Ora só há uma maneira de fazer face a este desastre cultural-político, depois de tudo ser pensado de fio a pavio; depois de ter meditado que uma cultura verdadeiramente das bases às cúpulas. Quanto a estas, os especialistas da cultura (intelectuais e artistas e promotores culturais) devem pensar a sua actividade apenas como os fornecedores dos instrumentos, das ferramentas, que os outros utilizarão para, por sua vez, serem produtores também. Como é que isto será possível? Há várias respostas mas um só sentido, só é desalienante uma cultura revolucionária, só é revolucionária uma cultura forjada nas bases.

Uma cultura conformista (mesmo tingida de progressismo) e sempre aliada de mediocridade e da tibieza, cúmplice dos valores de cúpula, efectivamente burgueses e elitistas. Só uma cultura revolucionária e em contacto íntimo com as bases tem poder dinamizador; só ela poderá aniquilar os lugares comuns do conformismo e da incompetência que explora comercial e politicamente aquilo a que se tem chamado as massas. O acto de oferecer um requintado bailado académico a um público dito popular; ou, através da televisão, um poema neo-realista em que *revolução* rima com *coração*, tem um significado bem claro. É a oferta de uma população de cúpula, um palácio para o povo reduzido à situação de boi, o "boi que olha para o palácio". Opressão elitista, manobra paternalista que oscila entre a especialização a política e a aliança respeitosa ou cúmplice com a mediocridade.

Ora, uma verdadeira revolução cultural é o contrário de tudo isto. Em primeiro lugar é necessário partir das bases, viver e conviver com as bases, reduzir a cultura "cultura" a mera instrumentação; esses instrumentos, no sentido próprio e no figurado, devem ser postos à livre disposição creadora das bases (Comissões de Trabalhadores e Comissões de greve, Clubes recreativos e desportivos, cine-clubes e clubes de teatro não profissional, comissões de rua ou de bairro, certos grupos profissionais ou sindicais não dominados por direcções de cúpula, autarquias locais nas mesmas condições, etc., etc. Em certos casos podem ser criados grupos de base: comandos operacionais, comissões mistas de F. A. e civis, etc. Nestes grupos deve-se combater o medo à especialização e os preconceitos profissionalistas; deve-se combater os padrões elitistas de qualidade formal e açambarcamento: deve-se combater o individualismo e a vanglória pessoal. Pelo contrário, deve-se exaltar a espontaneidade e a crítica, e a auto-crítica. Deve-se enraizar o hábito de coordenar o trabalho individual com a crítica e a intervenção de grupo. Devem-se aprender e estimular as técnicas de participação. Os partidos políticos *realmente progressivos* (isto é: que estão realmente com as bases, nas bases; que são efectivamente proletários), os núcleos de dinamização das F. A.; e, em geral, os intelectuais e artistas conscientes, devem estimular a criação de redes nacionais de grupos de cinema militante e de experimentação;

grupos de teatro, e em especial de teatro não convencional (descrição teatral das acções vividas, greves, movimentos colectivos, etc; psico-dramas e jogos de convívio); grupos de registo gráfico e visual (fotografia, desenho, etc) e sonoro (gravação das discussões de grupo, dos ruidos do trabalho, das canções e da criação de jornais de parede e outros; produção de cartazes, panfletos, música camponesa, etc, etc). Com acções como estas, aqui enumeradas a título de exemplo, não só se estimula o poder e a espontaneidade criadora das massas, ao mesmo tempo que estas se familiarizam por necessidade e não por respeitabilidade ou mero divertimento com as produções da cultura "cultura", que assim se transformam em meios não em fins. Mas não só isso. Efectivamente, aquela actividade das bases que tentamos apontar pode, embora sem exclusividade, ser também — e é o que acontecerá com mais frequência — um poderoso meio de aprofundamento original da consciência individual e colectiva, do conhecimento das condições concretas de classe, das relações de produção, de integração nacional ou regional. A cultura não se situará nas alturas, mais ou menos inacessíveis a um convívio íntimo e destinada a apenas ser contemplada como os palácios; a cultura torna-se familiar e íntima, necessária e profundamente enraizada; facto de verdadeira liberdade e respiração e não factor opressivo exercido pelas classes privilegiadas sobre as classes médias e o prole-



CULTURA DOMINANTE

As classes privilegiadas, e em particular aquilo a que se pode chamar burguesia capitalista, não exercem o seu poder apenas no domínio económico-social. De maneira mais subtil, e proventura mais complexa, exercem-no também no domínio cultural. E embora este domínio nunca exista numa sociedade independente daquela, a verdade é que não o devemos considerar um puro reflexo, uma consequência mecânica dos factores económicos e sociais; nomeadamente, das relações de produção. O domínio cultural exerceu o seu poder de maneira original e específica. Numa sociedade capitalista e (em particular) numa sociedade fascista, pode dizer-se que há sempre uma ditadura cultural, elitista e opressora. Essa ditadura exerce-se segundo três vectores principais:

a) Estabelecimento de um núcleo elitista dentro do qual se forja uma cultura literária-artística de onde podem surgir valores positivos, mas em qualquer hipótese sempre dirigidos a um pequeno número de consumidores. Este núcleo é em geral urbano.

b) Manutenção de um abismo entre aquele núcleo (os "cultos") e a restante população, o "povo" — como nesses meios se designa com grande imprecisão as classes trabalhadoras.

Na verdade, trata-se da pequena burguesia e dos trabalhadores das cidades; dos camponeses e dos pescadores (cuja cultura original é assinalada ao nível do folclore).

c) Degradação da cultura "literária-artística" do primeiro grupo através dos meios de comunicação de massas, criando assim uma zona cultural de baixo nível dirigida principalmente às classes menos favorecidas das cidades. Esta zona cultural muitas vezes exerce um poder massivo sobre o primeiro núcleo, impondo as suas preferências e gostos. Para isso contri-

buem a publicidade, os jornais, a rádio, a televisão, etc.

Os chamados escritores e artistas progressivos raras vezes escapam a estes esquemas.



Em resumo há de um lado produtores especializados que for-

necem produtos acabados a um número reduzido de consumidores; ou, macaqueando o respectivo carácter, ao "povo" — ou seja a uma grande massa indiferenciada de consumidores. Em ambos os casos se trata de um domínio de cúpula, dirigido a um consumo passivo. As bases não são tidas em conta como produtores, mas sim com meros consumidores.

Com o 25 de Abril esta situação não mudou para melhor, senão superficialmente. Pelo contrário, sob certos aspectos pode dizer-se que se agravou. Para já pode afirmar-se que não houve transformações ou propostas de transformação estrutural a um nível significativo. O consumo cultural continua a verificar-se segundo dois modos, ambos repressivos: ou apelando para a respeitabilidade (um concerto de Mozart *dado* ao "povo" de Lisboa) ou para o divertimento. As razões principais do agravamento que se verifica são as

seguintes:

a) quadros mediocres, incompetentes ou reaccionários continuam implantados em organismos de importância decisiva, oficiais ou não, como Televisão, Fundação Gulbenkian, organismos ministeriais afectos à cultura. Como se pensa sempre em termos de cúpula receia-se que a cultura "caia na rua", como os estadistas fascistas recebiam que o poder "caísse na rua".

b) Maior liberdade de manobra de sectores burgueses liberalizantes e que se revestem de progressismo para melhor exercerem a sua ditadura cultural.

c) Desorientação cultural nos meios escolares e universitários onde ainda predomina a ideia de que a cultura deve ser servida ao "povo" numa bandeja, paternalisticamente.

d) Oportunismo cultural de certos partidos de massas, ditos progressistas que se servem da literatura e da arte como formas de penetração e imposição das suas posições de cúpula. Dada a importância deste sector, damos dois exemplos típicos.

O NACIONAL-CANÇONETISMO. Salvo raras excepções o cançonetismo tem sido utilizado para o adormecimento de qualquer originalidade cultural das bases, inclusivé como mero divertimento. O cúmulo desta manobra foi a utilização de cantores dos mais "populares" numa pretensa "festa socialista".

O ESCRIBA CASTRIM. Castrim, pseudo-crítico de televisão, é a demonstração caricatural dos métodos de opressão cultural de um partido oportunista. Usando de uma linguagem rasteira, dirigida "cá à malta", adjectivando e tentando empolgar destrói sistematicamente todo o pensamento crítico ou problemático, quer vertendo pestilências sobre todo e qualquer adversário político; quer babando-se com elogios lacrimados dirigidos aos intelectuais do partido, coitadinhos tão perseguidos pelo regime anterior. Em ambos os casos há um profundo e total desprezo pelo leitor. A prosa do Castrim é uma pura manobra de cúpula destinada à manipulação cultural das massas.

e) Finalmente estes factores refletem-se naquilo a que se chamou "dinamização cultural", apesar dos bons propósitos de alguns dos seus responsáveis (não exportar a cultura, etc). No plano cultural a "dinamização" tem-se limitado a servir as manifestações e gracinhas dos "cultos" num prato, ou como respeitabilidade (concerto sinfónico no Coliseu) ou como divertimento.

Continua pág. 7

EDITORIAL

Na madrugada do dia 13 o MFA tomou a iniciativa de prender grandes figuras do capitalismo português, o que nos parece um acto positivo.

As razões evocadas ("sabotagem", etc.) são razões que se enquadram dentro de aquilo que se poderá chamar à primeira vista, luta contra a corrupção. É dentro deste sentido que aliás se coloca o comunicado do MDP-CDE que intitula este acto como "um bom aviso" para os capitalistas, o que parece significar que se eles andarem direitos (sem sabotagem, etc.), tudo se aguenta e até não são presos.

Na verdade, sabotagens e manobras fazem todos os capitalistas em toda a parte do mundo onde existem, e o jogar com a manobra e a sabotagem, se necessário, é próprio da sua condição.

Os capitalistas não são ladrões apenas quando retiram dinheiro directa e sub-repticiamente (no sentido burguês do roubo), mas são ladrões todos os dias, quando roubam aos trabalhadores uma boa parte do produto do seu trabalho, que é o lucro.

Os capitalistas presos não o são portanto porque roubaram toda a vida, mas porque transgrediram determinadas regras estabelecidas.

No entanto... quem viu em qualquer parte do mundo capitalista prender os personagens do grande capital? Quem viu isto sequer no Chile de Allende?

Não podemos negar que actos como estes, feitos embora em nome de razões "respeitáveis", criam condições de contradição tal dentro do sistema que acabam por ser um factor revolucionário.

Jorge de Brito, Sarmiento Rodrigues, Agostinho da Silva, são pilares do sistema. Não são fascistas de espada à cinta nem carrascos; são simplesmente capitalistas. E já chega... porque são eles que pagam os fascistas de espada à cinta... Esperamos a vez do Sr. Champalimaud, do Sr. Melo, porque não acreditamos que não tenham feito a sua traficância... Mas já é importante a inquietação que deve passar pelas suas fileiras e pelas dos seus parceiros dos imperialistas.

Mas pensamos que não se deve ficar por aqui. Que parar é ir para trás, é brincar com o fogo, sem tirar as devidas consequências. Medidas anticapitalistas criarão condições para uma situação cada vez mais irreversível, que culminará na Revolução Socialista, pese embora a alguns (quase todos?) dos seus autores.

Fala-se para aí de monopólios e antimonopolismo. Repetimos que não há antimonopolismo. Ou há anticapitalismo e portanto socialismo ou há capitalismo. E neste sistema a lei é de constante concentração de capitais, a criação de monopólios. A pretensa protecção à pequena e média empresa (que é a política da mistificação) tem resultado, como salta à vista, na falência de milhares de pequenas e médias empresas. Neste momento, em Portugal, a única salvação é a instauração duma estrutura económico-social socialista, com abolição da propriedade privada dos meios de pro-

dução tanto no que diz respeito à indústria como nos campos (latifúndios). O mais refinado economista reformista não consegue demonstrar outro processo.

Por isso é descarado oportunismo quando um partido reformista afirma: "...o capital estrangeiro (...) pode e deve ainda exercer um papel positivo na nossa economia e obter uma retribuição razoável para os seus investimentos em Portugal, (...)".

Mantém-se, no entanto, interrogações sobre o futuro imediato das próximas semanas. Qual o conteúdo do plano Melo Antunes? Até onde vai? Qual a função que cumpriu o plenário do MFA? A força demonstrada publicamente pela presença dumhas centenas de oficiais será usada para apoio dum plano ousado?

Uma coisa é certa. Este poder militar que cresce, faz-se por reconhecimento da falência do Governo Provisório; falência dos projectos reformistas. Como haverá falência de qualquer plano reformista, venha de onde vier.

Mas se os militares usarem determinadas medidas, que atinjam o sistema (feitas decerto com intenções que vão desde a luta pela "honestidade" até a projectos revolucionários), essas medidas criarão um processo irreversível.

Entre essas medidas estarão as nacionalizações a sério (de empresas rentáveis e não dãs falidas, é evidente), que trazem decerto um confronto com a burguesia organizada.

A instauração dum regime socialista em Portugal trará decerto grandes problemas. A sua não instauração trará muitos mais.

Terá que se haver com uma intervenção militar? A haver uma intervenção militar imperialista ela transformar-se-á numa guerra contra os trabalhadores revolucionários da Europa, agitados neste momento pela crise do capitalismo, que se faz sentir por todo o lado. Arriscar-se-ão os EUA? E de que lado estariam os países do Pacto de Varsóvia? Esses problemas se porão as grandes potências. Por isso a existência de Tratados de Tordesilhas, que não têm nada a ver, é claro, com os trabalhadores portugueses, nem com a sua condição. Os tratados servem para ser transgredidos, e muito mais quando são feitos sem mandato dos interessados. Todas as revoluções quebraram o estabelecido, apostaram no difícil, romperam abruptamente com o passado.

O projecto da Revolução Socialista em Portugal ver-se-á com problemas económicos graves provocados por um bloqueio do imperialismo. Mas o terceiro mundo e particularmente as ex-colónias portuguesas são a grande abertura. E tudo fica a rever e a reconstruir, como seja a produtividade e o conceito de necessidade — uma Revolução Cultural.

Um problema se nos põe desde já como premente: quanto maior for a organização dos trabalhadores, mais é o poder que estes conquistam em cada fase. Por isso a tarefa mais importante de imediato é o reforço e a coordenação da organização autónoma (assembleias de trabalhadores, comissões de trabalhadores) e o reforço e a consolidação do Partido.